



A Contabilidade como meio de compreensão da Realidade Social em “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Alann Inaldo Silva de Sá Bartoluzzio [ORCID iD](#)¹, Aluno Doutorado/Ph.D. Student Paula Danyelle Almeida Berrêdo da Silva [ORCID iD](#)¹, Doutor/Ph.D. João Paulo Resende de Lima [ORCID iD](#)²

¹UFRJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil. ²Adam Smith Business School, Glasgow, Glasgow, United Kingdom

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Alann Inaldo Silva de Sá Bartoluzzio

[0000-0002-0046-4513](#) Programa de Pós-Graduação/Course PPGCC/UFRJ

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Paula Danyelle Almeida Berrêdo da Silva

[0009-0005-5715-7986](#) Programa de Pós-Graduação/Course PPGCC/UFRJ

Doutor/Ph.D. João Paulo Resende de Lima

[0000-0002-4703-2603](#) Programa de Pós-Graduação/Course Accounting & Finance Subject

Resumo/Abstract

No presente artigo analisamos como a Contabilidade intermedia a construção da realidade social de indivíduos marginalizados na sociedade brasileira. Para tanto, analisamos o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus a partir dos conceitos de counter-accounting e interseccionalidade visando contestar os regimes de verdade e neutralidade atribuídos à contabilidade, além de desvelar como esta é imbricada em dinâmicas generificadas e racializadas que (re)produzem as inequidades existentes. Metodologicamente, nos ancoramos na tradição crítica de pesquisa em contabilidade e a partir de uma abordagem qualitativa conduzimos a análise a partir de técnicas de Ground Theory construtivista. Nossas avaliações demonstram como a contabilidade intermedia a (re)construção da realidade social a partir de diferentes dimensões econômicas, políticas e sociais. Ademais, argumentamos que a obra “Quarto de Despejo” funciona como produto social de counter-accounting ao evidenciar uma contabilidade cotidiana marginalizada e pautada por dinâmicas de escassez, se opondo à visão neutra, imparcial e desumanizadora que se volta para a acumulação de riquezas de grupos favorecidos social e economicamente pela construção histórica da exploração generificada e racializada da sociedade brasileira. Dessa forma, nossos resultados contribuem com a literatura que foca em micro processos cotidianos e com as pesquisas que visam atribuir novos sentidos à contabilidade por meio das relações de gênero e raça.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the



A Contabilidade como meio de compreensão da Realidade Social em “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus

Resumo: No presente artigo analisamos como a Contabilidade intermedia a construção da realidade social de indivíduos marginalizados na sociedade brasileira. Para tanto, analisamos o livro “*Quarto de Despejo*” de Carolina Maria de Jesus a partir dos conceitos de *counter-accounting* e interseccionalidade visando contestar os regimes de verdade e neutralidade atribuídos à contabilidade, além de desvelar como esta é imbricada em dinâmicas generificadas e racializadas que (re)produzem as inequidades existentes. Metodologicamente, nos ancoramos na tradição crítica de pesquisa em contabilidade e a partir de uma abordagem qualitativa conduzimos a análise a partir de técnicas de *Ground Theory* construtivista. Nossas avaliações demonstram como a contabilidade intermedia a (re)construção da realidade social a partir de diferentes dimensões econômicas, políticas e sociais. Ademais, argumentamos que a obra “*Quarto de Despejo*” funciona como produto social de *counter-accounting* ao evidenciar uma contabilidade cotidiana marginalizada e pautada por dinâmicas de escassez, se opondo à visão neutra, imparcial e desumanizadora que se volta para a acumulação de riquezas de grupos favorecidos social e economicamente pela construção histórica da exploração generificada e racializada da sociedade brasileira. Dessa forma, nossos resultados contribuem com a literatura que foca em micro processos cotidianos e com as pesquisas que visam atribuir novos sentidos à contabilidade por meio das relações de gênero e raça.

Palavras-chave: Contabilidade da Escassez; Quarto de Despejo; Contabilidade Interseccional.

1. INTRODUÇÃO

[21 de julho] — *O que escreve?*

— *Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.*

A contabilidade enquanto prática social tem o poder de (re)construir significados, realidades e subjetividades (Hines, 1988; Carnegie, 2022). Contudo, tal poder tem sido concentrado no domínio de grupos sociais específicos e privilegiados – homens brancos das altas classes econômicas (Lehman, 1992; Annisette & Prasad, 2017; Lima, Casa Nova & Vendramin, 2023) que moldam e registram a contabilidade a partir de uma perspectiva única voltada aos interesses empresariais, capitalistas e neoliberais. Partindo desse pressuposto, recusamos uma visão de contabilidade neutra, imparcial e puramente técnica e oferecemos, a partir desse trabalho, uma possibilidade de contabilidade que desafie o perigo de uma história única (Lehman, 1992; Haynes, 2010; Adichie, 2018).

Visando contestar o regime vigente de privilégios e práticas produtoras de inequidades, pesquisas críticas em Contabilidade desenvolveram o conceito de *counter-accounting*. Este visa desvelar os conflitos, contradições e contestar práticas discriminatórias a partir de narrativas alternativas construídas por agentes sociais marginalizados e invisibilizados (Gallhofer, Haslam, Monk & Rovers, 2006; Sikka, 2006; Vinnari & Laine, 2017). A literatura ilustra o potencial dos *counter-accountings* em questionar interesses corporativos (Himick & Ruff, 2019) e silêncios institucionais que perpetuam ciclos de violências (Lima, 2022), oferecer formas alternativas de contabilizar/responsabilizar agentes sociais por tragédias e crimes (Lima, Casa Nova, Sauerbronn & Castañeda, 2022) e contestar regimes de “verdade” que apresentam uma visão unilateral (Twyford, Tanima & George, 2022). Dessa forma, entendemos que tais registros são “táticas políticas simbólicas que criam representações alternativas das consequências de condutas problemáticas como uma forma de buscar mudanças na maneira como as coisas são feitas” (Denedo, Thompson & Yonekura, 2017, p. 1310).



No contexto brasileiro, são observadas diversas desigualdades decorrentes de um processo histórico de exploração (Lima *et al.*, 2022), contudo, tais desigualdades são comumente ignoradas e apagadas a partir de dispositivos sociais como o mito da democracia racial (Silva, Casa Nova & Carter, 2016). Diversas pesquisas mostram que na base desse sistema encontram-se principalmente as mulheres pretas e pobres que habitam as favelas (Teixeira, 2021; Lima *et al.*, 2022). Ao mesmo tempo, a literatura demonstra que tal grupo social desenvolve técnicas de resistência que as permite contestar a partir de micro práticas o sistema que as oprime e explora. Para entender de maneira ampla este contexto, recorreremos ao conceito de interseccionalidade advindo do feminismo negro, que propõe a necessidade de reconhecer como diferentes sistemas de opressão se sobrepõem, construindo uma matriz de dominação e sistemas de hierarquização na sociedade (Crenshaw, 2002; Collins, 2017).

A partir do contexto apresentado, temos o objetivo de **analisar como a Contabilidade intermedia a construção da realidade social de indivíduos marginalizados**. Para tal, analisamos o livro “*Quarto de Despejo*” de Carolina Maria de Jesus, obra em que a autora retrata, através de um diário, a luta cotidiana dos miseráveis sociais da São Paulo desenvolvimentista da década de 1960. Em contraponto à noção de riqueza e modernidade compartilhada na época, a obra é um contraponto dos excluídos, que denunciam o surgimento das favelas e a exclusão social vivenciada no período (Alves, 2018; Gonçalves, 2014).

Os diários da Carolina Maria de Jesus eram um suporte material no qual a autora se constituía como sujeito - mulher, preta e pobre - esmiuçando a intersecção entre gênero, raça e classe (Gonçalves, 2014). Nesta obra, Carolina demonstra consciência sobre a realidade e estetiza a própria vida ao evidenciar vivências de modo destemido e visceral. Sua literatura nasce do lixo, por meio dos cadernos que encontra pelas ruas de São Paulo, e é no mesmo lixo que o papel é coletado e reciclado, possibilitando sua existência. Seus escritos são uma denúncia às injustiças sociais vividas. Os relatos posicionam a autora no mundo, expondo o sofrimento social não apenas individual, mas também as injustiças que são submetidas os marginalizados. Assim, reconhecemos os escritos da autora como “uma forma de elaboração da sua condição social de existência” (Gonçalves, 2014, p. 1).

Ressaltamos ainda que não reconhecemos Carolina como um sujeito passivo das mazelas sociais que a atravessam, mas como uma mulher com “vitimização agentiva” (Gonçalves, 2014) capaz de materializar, na escrita, o seu sofrimento. Os diários são uma forma de representar o mundo a partir da sua experiência, denunciando dinâmicas sociais estruturais contemporâneas no Brasil (Mitssuchi, 2018). A partir dessa perspectiva, entendemos que o livro “*Quarto de Despejo*” se constitui como produto social capaz de contestar as verdades naturalizadas sobre a realidade brasileira – como o mito da democracia racial – a partir da capacidade de agência e voz de uma mulher preta, pobre e favelada (Meihy, 1998; Mitssuchi, 2018; Lopes & Dubiel, 2021). Nesse sentido, consideramos a obra um material que evidencia uma representação alternativa da realidade, ou seja, uma forma de *counter-accounting*.

Para a realização do presente trabalho, nos ancoramos teoricamente nos conceitos de *counter-accounting* e interseccionalidade para realizar a análise do livro “*Quarto de Despejo*”. Em termos metodológicos, a *Grounded Theory* construtivista proposta por Charmaz (2006) foi utilizada na geração de códigos explicativos das dimensões da vida social da Carolina Maria de Jesus. A partir disso, nossas análises ilustram como a contabilidade cotidiana de pessoas marginalizadas se opõe àquela ensinada nas escolas de negócios elitizadas, brancas e privilegiadas, pois é pautada na gestão da escassez e pobreza ao invés de buscar agregar valor e riqueza a grupos já privilegiados de capital econômico, financeiro e social.



2. VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus, filha de Maria Carolina de Jesus e de João Cândido, nasceu em 14 de março de 1914 em Sacramento, Minas Gerais. A autora inicia os estudos no Colégio Allan Kardec em 1921, onde aprendeu a ler ao cursar até o segundo ano primário (Gonçalves, 2014; Lopes & Dubiel, 2021). Em 1923, Carolina e sua família se mudam para a região de Lajedo, em Minas Gerais, em busca de trabalho como agricultores nas fazendas da região. Entre 1927 e 1929, a autora circula entre Franca (SP) para atuar como lavradora, e Conquista (MG), para trabalhar em uma fazenda. Posteriormente, Carolina e sua mãe voltam para Franca e exercem funções de empregadas domésticas e babás.

Em 31 de janeiro de 1937, aos 23 anos, Carolina migra para a cidade de São Paulo para trabalhar como empregada doméstica. Entre 1943-1947, a autora trabalha em diversos lugares como arrumadeira de hotel, lavadeira, cozinheira e babá até se tornar catadora de papel. Também fez apresentações em circos como artista, malabarista, cantora e poeta e morou em diversos lugares, como albergues, cortiços, pensões e embaixo de viadutos.

Em 1948 surge a favela do Canindé, entre as ruas Azurita e Felisberto de Carvalho às margens do rio Tietê, com apoio da Prefeitura de São Paulo, que doa o terreno público para a população. Nesse mesmo ano, Carolina muda-se para o Canindé e constrói seu próprio barraco, onde viveu 12 dos 40 anos que passou em São Paulo. Em 1º de fevereiro de 1949 teve o primeiro filho, João José, e Carolina começa a catar papéis, metais, vidros e demais recicláveis para obter seu sustento. O segundo, José Carlos, nasce em 6 de agosto de 1950, e em 15 de julho de 1953 nasce Vera Eunice, terceira e última filha de Carolina.

É na favela do Canindé que Carolina começa a escrever um diário sobre as suas experiências cotidianas, expondo sua realidade como catadora de papéis e o sofrimento que cerceia a vida dos marginalizados, evidenciando os processos sociais compartilhados pela comunidade, como fome, miséria e abandono (Alves, 2018). Trata-se de um produto social em que a autora ultrapassa as experiências individuais para denunciar dinâmicas sociais estruturantes que perduram nos dias atuais, como fome, descaso, violência e cerceamento de condições dignas de vida (Meihy, 1998; Gonçalves, 2014; Mitsuchi, 2018). O realismo etnográfico elaborado por Carolina é individual, mas também coletivo, ao evidenciar as mazelas que um corpo marginalizado está submetido e utiliza os diários como instrumento de denúncia, expressando sua extensa consciência política (Gonçalves, 2014; Lopes & Dubiel, 2021).

Em 1958, o jornalista Audálio Dantas vai ao Canindé produzir uma reportagem sobre a sua expansão nas margens do Tietê e ouve Carolina reclamar que incluiria os homens da favela em seu livro (Santos, 2010; Soares & Miranda, 2022). Conhecendo os escritos da autora, viu que ninguém teria tamanha propriedade para a escrever sobre o cotidiano dos favelados. É nesse período que Audálio inicia uma curadoria dos escritos da Carolina e, em 1960, é lançado o livro “*Quarto de Despejo*” (Sousa, 2007; Gonçalves, 2014).

A obra cobre os períodos de 15 a 28 de julho de 1955 e de 2 de maio até o dia 1º de janeiro de 1960 (Sousa, 2007). Com o livro, Carolina passou a ser conhecida, alcançando mais de cem mil obras produzidas. Mitsuchi (2018) indica que o sucesso de *Quarto de Despejo* popularizou Carolina, que participou de programas de rádio e televisão e feiras literárias em todo o Brasil. Também viajou para outros países, como Argentina, Uruguai e Chile e teve sua obra traduzida quase imediatamente na Dinamarca, Holanda e Argentina. Ao total, foram localizadas 17 traduções do livro, incluindo catalão, persa, japonês e húngaro.

Em 27 de dezembro de 1960, Carolina compra uma casa de alvenaria em Santana, bairro de classe média na Zona Norte de São Paulo. Pouco tempo depois, em 1961, a Prefeitura de São Paulo executa o plano de desfavelização do Canindé, espaço em que a obra é ambientada. Entre 1961 e 1963, Carolina lança mais três livros oficiais: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços*



da *Fome* (1963) e *Provérbios* (1963). Carolina era uma artista plural e explorou, ao longo das décadas, outras linguagens que reafirmaram seus diversos talentos. Escreveu romance, poesias, contos, peças de teatro e provérbios. Também compôs e interpretou as 12 músicas do LP *Quarto de Despejo*: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições, gravado em 1961.

Porém, estes não tiveram o mesmo desempenho comercial de *Quarto de Despejo* e, com poucos recursos, estando sujeita a voltar a catar papéis, Carolina se muda, em 1964, para o seu sítio em Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo, para viver uma vida rural. É no seu sítio que Carolina falece, em 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos de idade, vítima de insuficiência respiratória. Seu sepultamento ocorreu em Embu-Guaçu, São Paulo.

A literatura reconhece que houve um apagamento intencional da Carolina Maria de Jesus como escritora ainda em vida e depois da sua morte (Meihy, 1998; Alves, 2018). Seus livros *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1963) foram lançados de forma independente por Carolina, que já não encontrava apoio editorial. Isto posto, corroboramos com Alves (2018, p. 405) que reconhece que Carolina “morreu pobre morando em uma casa de alvenaria, sem voz”.

A forma como a autora se expressava, para além dos padrões formais da língua portuguesa, também era alvo de rechaça (Gonçalves, 2014; Alves, 2018). Soma-se a sua posição enquanto escritora mulher, preta e favelada, o que levou a crítica literária a classificar o sucesso de *Quarto de Despejo* como mero acaso, a despeito do nível de vendas no Brasil e no mundo – com mais de um milhão de obras comercializadas – em relação aos cânones literários da época (Meihy, 1998; Toledo, 2010). Em consequência, Carolina deixa mais de cinco mil páginas manuscritas inéditas, abrangendo romances, peças, contos, diários e poemas ainda desconhecidos do grande público. Por isso, reconhecemos que resgatar e publicizar sua obra é um ato em resistência em memória da Carolina Maria de Jesus, que não deve ter sua importância invisibilizada na demonstração das realidades sociais a quem são submetidos os subalternos – pretos e periféricos – desse país (Nascimento, 2020).

A partir do exposto, observamos que a história de vida de Carolina Maria de Jesus permite visualizar dinâmicas interseccionais de raça, gênero e classe. Dessa forma, adotar seus escritos como fontes para pesquisa contábil encontra respaldo na literatura crítica sobre *counter-accounting*, que aponta o potencial de histórias de vida de indivíduos marginalizados e silenciados como possibilidade de reescrever o que se conhece como história única e unilateral (ver Twyford, Tanima & George, 2022).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance do objetivo proposto, aplicamos a *Grounded Theory* (GT) construtivista de Kathy Charmaz (Charmaz, 2006). A GT é um método indutivo que viabiliza a produção de teorias centradas nos dados (Glaser & Strauss, 1967) por meio do desenvolvimento de esquemas conceituais que visam sua avaliação interativa (Charmaz, 2006). A partir da GT, um quadro teórico explicativo é elaborado para indicar como os fenômenos operam contextualmente, ampliando seu potencial interpretativo (Goddard, 2017).

Optamos pela perspectiva construtivista por reconhecer a fluidez da realidade e a necessidade de compreendê-la no ambiente em que opera, de modo que os significados não sejam esvaziados de sentido ou distanciados das dinâmicas sociais operantes (Charmaz, 2006). Também reconhecemos a guinada construtivista como uma alternativa que dialoga com a pesquisa crítica (Charmaz, 2016), viabilizando análises que abarcam as estruturas de poder e a subalternização de corpos e mentes. Assim, destacamos a análise como uma interpretação dos autores sobre a realidade vivenciada por Carolina Maria de Jesus e não uma comprovação desta.

Partimos da leitura da obra “*Quarto de Despejo*” – 299 páginas. Essa etapa viabilizou o acesso ao cotidiano narrado pela autora para o desenvolvimento de reflexões iniciais. Finalizada



a leitura, nos reunimos para uma discussão visando a apresentação das primeiras impressões. Em seguida, realizamos uma segunda apreciação com foco na construção da codificação inicial e focalizada (Charmaz, 2006).

A codificação inicial se deu de forma indutiva e visou a verificação das direções analíticas observadas nos dados. Através da análise de incidentes do cotidiano da Carolina Maria de Jesus, o processo social básico da ação foi o norteador das análises preliminares (Charmaz, 2006). Os incidentes de interesse foram destacados e reflexões prévias realizadas para destacar as impressões preliminares dos autores e as subcategorias emergentes.

Finalizada essa etapa, nos reunimos para a discussão dos incidentes e das subcategorias observadas. Esse processo viabilizou o agrupamento de diferentes perspectivas sobre os dados, cujo objetivo foi a observação do seu ajuste e relevância. A preocupação central é que elas refletissem de forma adequada a experiência dos autores sobre os escritos da Carolina e que fossem relevantes na construção de um esquema analítico abrangente com foco na credibilidade, originalidade, ressonância e utilidade (Charmaz, 2006).

Após a codificação inicial, iniciamos a codificação focalizada para verificar se os códigos possuem alcance analítico sobre a realidade constituída na obra. Para tanto, a codificação axial auxiliou a conectar as subcategorias às categorias. Memorandos foram escritos para cada categoria axial visando o estabelecimento de conexões prévias entre as subcategorias definidas, de modo que suas propriedades fossem evidenciadas.

Reuniões de alinhamento também foram realizadas tanto na codificação axial quanto na codificação teórica, última fase do processo metodológico. Essa etapa foi desenvolvida visando o entendimento sobre como as categorias axiais estão integradas em uma estrutura analítica abrangente. Para tanto, consideramos a indicação de que “os códigos não apenas conceituam o modo como os seus códigos essenciais estão relacionados, mas também alteram a sua história analítica para uma orientação teórica” (Charmaz, 2006, p. 94).

Elevamos as categorias a um nível maior de abstração para compreender como estavam interrelacionadas na interpretação da realidade minuciada em “*Quarto de Despejo*”. Os memorandos e as reflexões precedentes foram importantes para que as interpretações não impusessem uma estrutura analítica forçada aos dados. Essa etapa foi alcançada quando a categoria teórica estava alinhada às análises decorrentes do processo analítico-reflexivo individual e coletivo dos autores. Assim, a Figura 1 apresenta a estrutura analítica da obra analisada.





Codificação Inicial (aberta - por incidentes)	Axial	Teórica
- Gestão da escassez - Valoração dos artefatos	Gestão da Escassez	Contabilidade como intermediadora das diversas dimensões da vida social da Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo”
- Subjetividade e suicídio - Dívida, endividamento e cobrança - Acesso a recursos (insuficiência)	Subjetividade	
- Aumento dos preços - Redução da qualidade de vida	Economia	
- Desilusão - Política e realidade - Política e economia - Política e vivência - Curral eleitoral	Política	
- Realidade social - Família e subjetividade - Política - Doações	Fome	
- Realidade suicida - Pensamentos suicidas - Subjetividade e suicídio	Ideação Suicida	
- Ausência/negligência da assistência social - Assistência do terceiro setor	Assistência Social	
- Doenças - Insegurança Alimentar	Saúde	
- Dimensões da violência - Prostituição - Alcoolismo	Vivências na Favela	

Alguns aspectos devem ser considerados na leitura da análise dos resultados. O primeiro é que respeitamos a escrita e a forma como a autora elabora a sua realidade. Apoiados em Bagno (1999), reconhecemos que qualquer ajuste na forma como a Carolina se manifesta seria preconceituoso e violento. Não realizamos qualquer tipo de correção sobre os escritos, adotando uma transcrição literal dos trechos utilizados da obra. É em seus próprios termos que a autora potencializa a sua escrita, existindo no mundo e corporizando sua dor (Gonçalves, 2014). Também buscamos evidenciar ao máximo os escritos da Carolina para dar materialidade as análises e viabilizar que o leitor acesse o cotidiano da autora a partir das suas manifestações.

Por fim, os autores visitaram a exposição “*Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*”, sob organização do Instituto Moreira Salles, no Museu de Arte do Rio. A mostra agrupa a produção literária da autora, além de documentos históricos e depoimentos de familiares. O acesso a esse acervo contribuiu para conhecer sua trajetória de forma ampla, possibilitando também o acesso a elementos da vida da autora, utilizados para contextualizar as análises iniciais e triangular os dados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na perspectiva teórica apresentada, argumentamos que o livro “*Quarto de Despejo*” de autoria de Carolina Maria de Jesus – escrito a partir da perspectiva de uma mulher latino-americana, preta, pobre e favelada – representa um *counter-accounting* que desafia as lógicas contábeis tradicionais, ilustrando a contabilidade enquanto construtora da escassez. Para tal, reconhecemos a contabilidade como meio de compreensão das diversas dimensões da realidade social cotidiana, o que abrange vivências histórica e socialmente localizadas, além de subjetividades e aspectos econômicos e políticos.



4.1 Vivências na Favela (Contexto)

As memórias da Carolina Maria de Jesus são ambientadas na Favela do Canindé, residência da autora desde 1948. Sua origem remonta ao mandato do governador Adhemar de Barros e parte de um projeto de higienização do centro de São Paulo. Essa iniciativa visava a retirada dos moradores de rua dessa área para aloca-los às margens do rio Tietê (Mitssuchi, 2018). O Canindé continha cerca de 35 mil metros quadrados e acomodava entre 180 (Mitssuchi, 2018) e 300 barracões (Ultramari & Andreoli, 2021). A sua existência geográfica se estende até a virada de 1961, quando se iniciou um processo de demolição e redistribuição da sua população para outras áreas (Ultramari & Andreoli, 2021).

Em princípio, destaca-se que apesar de viver no Canindé, as passagens ressaltam uma insatisfação da Carolina com as dinâmicas sociais vivenciadas nesse espaço “[20 de julho] [...] *O desgosto que tenho é residir em favela.*” ou ainda “[24 de julho] — *Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão, que estou no inferno.*”, assim como uma revolta em relação as pessoas com quem compartilhava o cotidiano.

[19 de julho] — Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.

O título da obra também remonta a sua experiência com esse espaço. Para Carolina, a favela é associada a um quarto de despejo.

[19 de maio] ...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

As mazelas da favela do Canindé são relatadas pela autora, que demonstra como o alcoolismo e a violência eram parte do cotidiano da população. Os escritos ressaltam o uso indiscriminado de bebida alcoólica “[22 de novembro] *O que eu fico admirada é das almas da favela. Bebem porque estão alegres. E bebem porque estão tristes. A bebida aqui é o paliativo. Nas épocas funestas e nas alegrias.*”, acarretando em outros problemas, como a negligência com a saúde “[18 de julho] *Tem a Maria José [...] E uma alcoólatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos doze meses.*” e o cuidado familiar “[13 de agosto] *A Zefa é mulata. É bonita. É uma pena não saber ler. Só que ela bebe muito. Ela teve duas filhas, e bebia muito. Esquecia de alimentar as crianças, e elas morreram.*”

O alcoolismo infantil também é denunciado, o que gera um efeito emocional na própria Carolina “[6 de dezembro] ...*Eu fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos. Eu hoje estou muito triste.*”. Aqui, resalta-se que o uso de alcoólicos também afeta a autora, que reflete os impactos potenciais sobre sua família.

[19 de julho] ...Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber.

Outro aspecto a ser ressaltado é a dinâmica de violência que perpassa a comunidade do Canindé. Esses episódios são agravados com a embriaguez, o que indica uma associação entre ambos “[20 de julho] *Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe expandaram quando ele estava embriagado.*”.



A violência doméstica também é parte do cotidiano da Carolina, que relata episódios em que as mulheres são espancadas pelos maridos “[26 de julho] ...Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com a sua esposa. Ela pedia socorro. [...] Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. Fiquei nervosa.”. Outras formas de violência familiar também são denunciadas, como a briga entre pai e filho “[20 de maio] ...Tem um adolescente por nome Julião que as vezes espanca o pai. Quando bate no pai é com tanto sadismo e prazer.” e entre irmãos “[8 de junho] Hoje os favelados estão apreciando os briguentos. São dois irmãos. O Vicente e o João Coque.”

Cabe destacar que o Canindé também era um espaço violento com a Carolina. Os roubos eram comuns “[27 de julho] ...O Senhor Ireneo disse-me que esta noite houve roubo na favela. [...] O meu barracão também está sendo visado. Duas noites que não saio para catar papel.”, além do risco que ela corria com os recicláveis “[28 de julho] ...Fiquei horrorizada! Haviam queimado meus cinco sacos de papel.”

Tais episódios se estendem à violência com os seus filhos “[18 de julho] A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. [...] Saiu com um pau para espancá-lo.”, bem como à própria autora “[1 de junho] Chegou o tal Vitor [...]. Ele deixou de aborrecer-me porque eu chamei a radio patrulha para ele, e ele ficou 4 horas detido. Quando ele saiu andou dizendo que ia matarme.”.

4.2 Subjetividade

Dois aspectos, tratados aqui como subcategorias, relacionam a contabilidade, compreendida como instrumento que constrói emocionalidades e afeta a vida do sujeito em sociedade (Bujaki, Gaudet & Iuliano, 2017; Gilbert, 2021), e a subjetividade da autora. A primeira faz referência a ausência de recursos e a insegurança alimentar dela decorrente “[2 de junho] ...De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua.”, o que afeta a vida da autora e gera preocupações sobre a condição de vida dos seus filhos “[3 de junho] ...Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu.”.

A dinâmica de subsistência na qual Carolina está inserida é marcada por angústia, visto que é ela a única provedora de recursos no ambiente familiar. O cotidiano da autora é marcado por incerteza, pois o que obtém com a coleta de recicláveis é quase sempre insuficiente “[21 de junho] ...Vesti o José Carlos para ir na escola, Quando eu estava na rua, comecei ficar nervosa. Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada.”.

Já a segunda perpassa a vivência na comunidade e atravessa a vida da autora: o processo de cobrança, dívida e endividamento. Para compreender a forma como essa categoria foi construída, é necessário situar a figura do Orlando Lopes, responsável pela administração da luz e água “[16 de agosto] O Orlando Lopes está girando pela favela. Quer dinheiro. Ele cobra a luz no cambio negro.” ou ainda “[23 de outubro] ...O Orlando vivia fazendo biscate. Agora que passou a ser o encarregado da luz e da água deixou de trabalhar.”.

As interações entre Orlando e Carolina são marcadas por episódios de ameaça “[22 de outubro] ...O Orlando veio cobrar a água — 25 cruzeiros. Ele disse-me que não admite atraso com ele.” e conflitos “[10 de junho] O João disse-me que o Orlando Lopes, o atual encarregado da luz, havia me chingado. Disse que eu fiquei devendo 4 meses.”.

Os escritos demonstram arbitrariedade na forma como as cobranças eram realizadas, e o impacto que este tinha sobre a vida da autora.



[25 de junho] [...] Quando eu preparava para escrever, o tal Orlando surgiu e disse que queria o dinheiro. Dei-lhe 100 cruzeiros. — Eu quero 250. Quero o depósito. — Eu não pago depósito porque já foi abolido pela Light. — Então eu corto a luz. E desligou-a.

Essa relação é problemática na medida em que, além de se preocupar com a subsistência da sua família, precisa cumprir também com as cobranças e dívidas geradas pela necessidade de pagamento da água e luz “[11 de junho] ...*Já faz seis meses que eu não pago a água. 25 cruzeiros por mês. E por falar na água, o que eu não gosto e tenho pavor é de ir buscar água.*”, somando mais uma aflição.

Destaca-se que, pensar dessa lógica revoltar a comunidade “[12 de outubro] ...*Houve briga aqui na favela porque o homem que está tomando conta da luz quer 30 cruzeiros por bico.*”, a ação truculenta de Orlando gera medo e insegurança sobre a integridade da Carolina, como destacado no episódio de violência sofrido por uma de suas vizinhas.

[31 de outubro] Fui carregar água. Que bom! Não tem fila. Porque está chovendo. Vi as mulheres da favela agitadas e falando. Perguntei o que havia. Disseram que o Orlando Lopes, o atual dono da luz havia espancado a Zefa. E que ela deu parte e ele foi preso. Perguntei para o Geraldino se era verdade. Afirmou que sim. A Nena disse que o Orlando bateu na Zefa para valer.

Aqui, sublinha-se que Carolina Maria de Jesus reconhecia que estava vivenciando uma lógica de exploração por parte de Orlando ao contabilizar que o montante que este obtém com as cobranças é mais que suficiente para quitar os gastos com a água “[22 de outubro] [] *A conta da água atinge só 1.100 e ele quer cobrar 25 de cada barracão.*”, questionando também a forma arbitrária que lida com o negócio “[29 de junho] *Contei quantos barracões tem na favela para ver quanto este tal Orlando Lopes vai arrecadar se os favelados pagar-lhe os 150 cruzeiros de depósito. Contei 119 barracões com luz.*”.

4.3 Fome e Ideal Suicida

Os escritos da Carolina Maria de Jesus apresentam um contexto social marcado por episódios de **fome** e/ou insegurança alimentar “[19 de maio] *Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: — Olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer.*”. Essa é retratada como uma realidade dos favelados em geral e fonte de preocupação no ambiente familiar da Carolina “[20 de julho] *Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.*”.

Como a autora sobrevive em uma dinâmica que impede o acúmulo de recursos, não são raros os episódios que retratam fome, pois o que é obtido com a coleta e venda de recicláveis é quase sempre insuficiente para suprir suas necessidades imediatas.

[13 de maio] ...Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual — a fome!

Salienta-se que o termo “chuva” reforça os problemas decorrentes da impossibilidade da Carolina ir às ruas para catar recicláveis “[29 de outubro] *Quando chove eu fico quase louca porque não posso ir catar papel para arranjar dinheiro*”, gerando efeitos imediatos no acesso ao alimento. Nesse cenário, a autora recorre às doações “[3 de maio] ...*Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.*” e às latas de lixo “[21 de maio] *Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer*”.



Recorrer ao lixo era parte da realidade não apenas da Carolina, mas também dos seus filhos “[21 de maio] ...Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata solsa. [...] Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei lã na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo.”, que viam no lixo possibilidades de obter comida e sentiam na pele as consequências da realidade que viviam “[22 de maio] ...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede: — Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.”

É importante destacar como os episódios de fome afetam as emoções da Carolina Maria de Jesus. As experiências evidenciadas nos diários são acompanhadas por palavras que reforçam nervosismo “[16 de maio] Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.”, tristeza “[9 de julho] Fui catar papel. Estava indisposta. O povo da rua percebe quando eu estou triste. Ganhei 36,00. Voltei. [...] Estou sem ação com a vida. Começo achar a minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma.” e desorientação “[3 de maio] Hoje é domingo. Eu vou passar o dia em casa. Não tenho nada para comer. Hoje eu estou nervosa, desorientada e triste.”. O que afeta também os seus filhos “[31 de julho] ...Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes.”.

A insegurança alimentar e as emoções que decorrem da falta de recursos para suprir as necessidades cotidianas levam a associação da fome com outra categoria: **ideal suicida**. Antes de entender como ambas estão interligadas, é necessário visualizar que a ideia de suicídio é rotineira no cotidiano da autora “[11 de dezembro] ...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. [...] Ela disse-me que já está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe: — Nós já estamos predestinados a morrer de fome!” e parte do contexto em que ela sobrevive.

[18 de julho] — A senhora me faz rir! Já foi o tempo que a gente podia guardar dinheiro. Eu sou um infeliz. Com a vida que levo não posso ter aspiração. [...] O nosso mundo é a margem. Sabe onde estou dormindo? Debaixo das pontes. Eu estou doido. Eu quero morrer! — Quantos anos tem? — 24. Mas já enjoei da vida.

[29 de abril] Hoje eu estou disposta. O que me entristece é o suicidio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo da vida. [...] Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome.

Em outra passagem, é evidente como a fome e o suicídio estão relacionados no cotidiano da autora. Ao sair para comprar mantimentos, Carolina toma conhecimento de um episódio de suicídio na comunidade, o que ressoa de forma direta na sua realidade enquanto mãe que compartilha das mesmas mazelas lidas na matéria de jornal. A notícia não apenas tem efeito emocional sobre a autora, como gera revolta e insatisfação com o serviço social e os políticos.

[13 de junho] ...Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. [...] Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: — Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! Penso: será que ela procurou a Legião Brasileira ou Serviço Social? [...] ...A noticia do jornal deixou-me nervosa. Passei o dia chingando os politicos, porque eu também quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca.

No contexto familiar da Carolina, o ideário suicida também está associado a fome. Os relatos são acompanhados de desabafos, tanto dela para o leitor “[16 de junho] ...Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa,



pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?”, bem como dela em relação às pessoas do seu convívio na comunidade, a exemplo da diretora da escola do filho:

[28 de julho] Encontrei com a dona Nenê, a diretora da Escola Municipal, professora do meu filho João José. Disse-lhe que ando muito nervosa e que tem hora que eu penso em suicidar. Ela disse-me para eu acalmar. Eu disse-lhe que tem dia que eu não tenho nada para os meus filhos comer.

É necessário destacar a revolta e a criticidade da Carolina sobre a sua realidade, que denuncia a condição na qual ela e os seus pares estão condicionados “[21 de maio] *Isto não pode ser real num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais.*”. Se o serviço social é ineficiente, algum suporte é obtido de pequenos comerciantes “[18 de julho] *Veio o peixeiro Senhor Antonio Lira e deu-me uns peixes. Vou fazer o almoço.*”.

Ainda assim, uma outra realidade é experienciada pela autora, indicando episódios de esperança quando existe o que comer e algum vestígio de dignidade “[18 de setembro] *Hoje eu estou alegre. Eu estou procurando aprender viver com o espirito calmo. Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer.*”.

4.4 Assistência Social e Saúde

Salienta-se que o período narrado por Carolina Maria de Jesus é marcado por uma relação direta com o serviço social. Em geral, os relatos indicam uma insatisfação latente com a entidade “[5 de junho] *...Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo.*”, cujas iniciativas são insuficientes para atender as demandas da população que reside nas favelas “[21 de maio] *Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais.*”, bem como o atendimento das suas necessidades básicas, como a fome “[21 de maio] *Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata doce.*”.

Tais relatos, além de serem atravessados pela revolta, denotam também desilusão com a capacidade da entidade assistir os mais vulneráveis “[22 de maio] [...] *Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social.*” o que acontece em uma lógica de ineficiência marcada por burocracia “[22 de maio] [...] *Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.*”.

Na comunidade, a presença do serviço social também é relatada “[8 de agosto] [...] *Hoje a Assistência esteve aqui duas vezes, porque a Aparecida teve um aborto.*”. No entanto, as passagens da Carolina indicam que a comunidade precisa recorrer às entidades do terceiro setor para obter alimentos, como associações de caridade “[18 de julho] *Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.*”, igrejas “[20 de maio] *...As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos.*” e centros espíritas, realidade que também atravessa o cotidiano da autora “[16 de julho] [...] *Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão.*” e reforça a incapacidade da referida entidade incorporar iniciativas para alterar a dinâmica local de forma efetiva.

Aqui, cabe indicar os processos que atravessam a saúde da comunidade, a nível macro, e a família da Carolina Maria de Jesus, a nível micro. Assim como a ida do serviço social, a presença da secretaria de saúde também é relatada “[9 de junho] *...Eu já estava deitada quando*



ouvi as vozes das crianças anunciando que estavam passando cinema na rua. [...] Era a Secretaria da Saude. Veio passar um filme para os favelados ver como é que o caramujo transmite a doença anêmica.”. Assim como no relator anterior, a ida do governo à comunidade e as atividades promovidas surtem pouco efeito, pois não acompanham de medidas prevenção.

[4 de julho] ...Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saude do Estado disse que a agua da lagoa transmite as doenças caramujo. Vieram nos revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da agua.

Salienta-se que além de não existir um trabalho efetivo por parte da secretaria de saúde, a iniciativa do órgão tem efeitos negativos sobre a subjetividade da Carolina. Mesmo tomando conhecimento da possibilidade de transmissão de esquistossomose na lagoa que utiliza para lavar roupas e da quantidade de casos positivos observados na comunidade, não encontra outra alternativa senão a utilização daquele espaço. Outro agravante é que a autora não fez o exame para detecção da doença porque não tem condições de comprar os medicamentos.

[26 de julho] ...Eu estava tonta de fome devido ter levantado muito cedo. Fiz mais café. Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remedio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remedios.

Outros episódios reforçam a preocupação da Carolina Maria de Jesus em ficar doente. Como o que ela coleta já é insuficiente para atender as suas necessidades básicas diárias, qualquer impossibilidade de ir às ruas coletar recicláveis pode levar sua família à fome “[19 de dezembro] Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. [...] Que suplicio adoecer aqui na favela! [...] Hoje eu não saí para catar papel. Seja o que Deus quiser.”, o que atravessa também a sua relação com os filhos “[1 de junho] Hoje eu não fui trabalhar, porque a Vera e o José Carlos estão doentes.”.

Quando seus filhos adoecem esses episódios são retomados nos escritos. A autora fica impossibilitada de trabalhar, o que gera insegurança alimentar na família “[17 de junho] As 5 da manhã a Vera começou vomitar. [...] Quando a chuva passou eu aproveitei para sair. Catei um saco de papel. [...] Eu recebi só 12 cruzeiros. Catei uns tomates e um pouco de alho e vim para casa correndo porque a Vera está doente.”, e a necessidade de incorrer em gastos imprevistos “[20 de junho] ...Dei leite para a Vera. O que eu sei é que o leite está sendo despesas extras e está prejudicando a minha minguada bolsa. Deitei a Vera e saí. Eu estava tão nervosa!”.

Ademais, outros relatos envolvendo a fragilidade da saúde da comunidade são apresentados, a exemplo a tuberculose “[29 de maio] Marina foi uma mulher negra que viveu com ele. Bebia muito. E morreu tuberculosa com 21 anos.” e crise de vermes entre as crianças “[19 de junho] Mas aqui na favela varias crianças está atacadas com vermes.”.

4.5 Economia e Política

Ao longo da categorização, fica evidente a relação que Carolina Maria de Jesus estabelece com os recursos, o que inclui sua administração em uma lógica de contabilização da escassez. Na **economia**, é manifesto como a compra dos mantimentos essenciais depende da obtenção de recursos financeiros “[8 de novembro] ...Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 sabão. Mandeí somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou!”.

Para adquiri-los, Carolina recorre a atividades diversas, como reciclagem, escambo “[15 de julho de 1955] Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão.” e colaboração dos sujeitos na própria



comunidade “[12 de agosto] ...Troquei-me e fui receber o dinheiro da Vera. O senhor Luiz emprestou-me 3 cruzeiros. Achei 1 no bolso, ficou 4 cruzeiros. Eu queria ir de ônibus, encontrei com um favelado muito bom, pedi 1 cruzeiro emprestado. Ele deu-me 2 cruzeiros. Fui de ônibus.”

Esses relatos são acompanhados de uma insatisfação com os preços, já que o poder de compra diminuiu significativamente entre os anos “[12 de agosto] Na cidade eu ouvia o povo reclamar contra a falta de feijão. Que os atacadistas estão sonhando o produto ao povo. E os preços atuais? Isto não é mundo para o pobre viver.”. Aqui, fica evidente como os itens da cesta básica estão inacessíveis para a sua realidade:

[23 de maio] ...Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá.

Destaca-se que o aumento dos preços e a insuficiência de recursos, além de afetar a Carolina a nível material, funciona também como um impeditivo para a realização dos seus desejos que, mesmo sendo simples da vida cotidiana, não podem ser priorizados.

[15 de julho de 1955] Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Essas dificuldades não atravessam apenas a Carolina, afetando também os seus pares na favela, que demonstram uma postura de acomodação em relação à realidade vivenciada: “[19 de maio de 1955] ...Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros.”. Aqui, é premente destacar a apreciação crítica da realidade estabelecida pela autora.

Emerge nos escritos uma crítica à lógica empresarial na comercialização dos itens de necessidade básica. A autora denuncia que os comerciantes preferem descartar parte do estoque a torna-lo acessível aos mais vulneráveis “[13 de junho] Foi em janeiro quando as águas invadiu os armazéns e estragou os alimentos. Bem feito. Em vez de vender barato, guarda esperando alta de preços.”, evidenciando uma lógica empresarial perversa “[7 de janeiro] Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos a espera de compradores. As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para o pobre não catar e comer.”.

Os relatos expõem ainda como a realidade social da Carolina Maria de Jesus é influenciada pela dimensão **política**, sobretudo nos eventos relacionados ao acesso de bens e serviços, o que interrelaciona as duas categorias. Existe uma compreensão de que a política e a economia estão associadas e que o tema possui efeito eleitoral entre os favelados, a despeito da sensação de abandono em relação aos governantes. Quando vencem as eleições, esquecem os favelados, desassistindo nas suas necessidades mais básicas.

[20 de maio de 1955] ...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.

É nos períodos eleitorais que os políticos se aproximam das comunidades e buscam compartilhar atividades cotidianas “[15 de maio] O senhor Cantídio Sampaio quando era



vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. [...] Brincava com nossas crianças.”, estimular relações de afeto “[3 de agosto] Passou por mim e deu-me um abraço. Fiquei perplexa com aquele abraço sem apresentação. [...] A cunhada do Coca-Cola disse-me: — Este é nosso deputado. Dr. Contrini.” e promover ações clientelistas visando a obtenção de apoio político “[28 de maio] Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e ótimos cobertores.”. Mas essa relação é oportunista, sem o desenvolvimento de projetos e outras iniciativas que altere aquela realidade social.

[15 de maio] [...] Os vizinhos das casas de tijolos diz: — Os políticos protegem os favelados. Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. [...] Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

Essas iniciativas são observadas com criticidade por Carolina, que compreende a entrega de bens de necessidade básica como uma estratégia política que visa a manutenção de uma estrutura clientelista/assistencialista entre os políticos e os residentes das comunidades.

[20 de maio] Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descolorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitos que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.

Salienta-se que a própria Carolina Maria de Jesus destaca relações estabelecidas com políticos de forma direta, indicando que não só a realidade da favela enquanto comunidade é atravessada pelas dinâmicas políticas, mas também a sua existência a nível individual: “[19 de maio] Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele. Ele disse que pretende conhecer a favela, que se for eleito há de abolir as favelas.”. A observação crítica sobre a lógica clientelista e a ausência de iniciativas que visem a alteração da realidade social das favelas é denunciada pela autora, que associa esses episódios ao desinteresse da comunidade pela política “[23 de maio] Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. [] Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.”.

Para Carolina, a classe política não vivencia as realidades daqueles que vivem às margens, e, por isso, não podem representa-los para o atendimento das suas necessidades. Uma mudança possível decorreria daqueles que experienciam a realidade que a autora compartilha, como a fome “[21 de maio] ...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre”. Destaca-se que a fome é um dos marcadores que ressalta a decepção e revolta da autora com a classe política “[21 de maio] De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários.”.

4.6 Gestão da Escassez

A partir da estrutura analítica evidenciada na Figura 1, reconhecemos que a contabilidade intermedia as diversas dimensões da vida social da Carolina Maria de Jesus. As



análises indicam a presença da lógica contábil de duas formas. A primeira é a gestão mental dos recursos e o seu reporte nos diários cotidianamente. Aqui, reconhecemos como a contabilidade da escassez está associada a uma dinâmica de obtenção de recursos para atendimento das suas necessidades básicas. Carolina descreve suas atividades para obter recursos e especifica como estes são gastos. Salvo raras exceções, tudo o que obtém é direcionado para a subsistência da sua família.

A segunda está relacionada à gestão do trabalho atrelada a processos específicos que influenciam a capacidade da autora obter dinheiro ou outros recursos. Carolina desenvolveu uma lógica própria de planejamento ligada a coleta de recicláveis e administrava o seu trabalho considerando aspectos específicos da sua realidade social, como a gestão dos dias com maior volume de material disponível para coleta e o impacto da concorrência no trabalho.

Precedendo a análise específica dessas dinâmicas, ressaltamos que a Carolina Maria de Jesus é a única provedora de recursos para a sua família, que depende integralmente da coleta de recicláveis para sobrevivência. Apesar de ser reconhecida como catadora de papel, a autora recorre a todo material que possa ser comercializado “[16 de julho] Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender.”.

Um aspecto a ser destacado é a atribuição de valor aos pequenos artefatos, que apesar de não serem valorizados no contexto em que ela sobrevive, visto que são itens descartáveis, possuem valor inestimável para a autora, que depende destes para sobreviver. “[6 de maio] O porteiro pegou o meu saco de catar papel, o saco que para mim tem um valor inestimável, porque é por seu intermédio que eu ganho o pão de cada dia.”.

Como Carolina não consegue acumular recursos para atender as necessidades da sua família por muitos dias, o trabalho gira sempre em torno da urgência “[16 de julho] Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.” ou ainda “[22 de maio] Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro.”. Esse senso de imediatismo abrange tanto o acesso a recursos para alimentação “[18 de agosto] Fui na Dona Julita, peguei papel. Ganhei 55 cruzeiros. O que é que se compra com 55 cruzeiros? Fiquei nervosa.” quanto o pagamento de dívidas “[19 de julho] Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. [...] E a quantia que eu preciso para pagar a luz.”.

A respeito das dinâmicas contábeis supramencionadas, a primeira abrange duas dimensões: (i) contabilização das necessidades (e dificuldades) e (ii) contabilização dos recursos e sua aplicação. Sobre a contabilização das necessidades (e dificuldades), Carolina elabora uma associação entre o que obtém e a (in)suficiência desse montante para obter o que precisa. Destaca-se que a autora elabora essas relações de forma específica, indicando quanto tem disponível face aos itens que precisa. Existe uma lógica de especificação que é apresentada pela autora de forma cotidiana, o que surte efeitos emocionais diversos sobre a autora, como nervosismo e exaustão.

[16 de julho] Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta.

[13 de julho] ...Comprei 30 cruzeiros de carne e fiquei nervosa porque os 30 que sobrou não vai dar para comprar gordura e arroz.

Para a contabilização dos recursos e sua aplicação, Carolina Maria de Jesus organizava o diário como um instrumento típico de prestação de contas atrelado à uma lógica de origem e aplicação dos recursos. Nele era relatado o valor total obtido e como este foi aplicado.

[15 de julho] Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.



[18 de julho] Fui no deposito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacau para Vera Eunice.

[20 de setembro] ...Fui no emporio, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros.

Em relação ao trabalho, os escritos indicam uma gestão da capacidade de obter recursos. As segundas-feiras eram oportunas para a coleta de recicláveis “[2 de junho] ...*De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua.*” ou ainda “[18 de agosto] ...*As segundas-feiras eu não gosto de perder. Saio cedo porque encontra-se muitas coisas no lixo.*”. Em contrapartida, os finais de semana são mais difíceis “[31 de maio] *Sabado — o dia que quase fico louca porque preciso arranjar o que comer para sabado e o domingo.*”, o que se estende também aos feriados “[14 de agosto] *Estava nervosa, porque estava com pouco dinheiro, e amanhã é feriado.*”

Outro aspecto em evidência é a noção de concorrência apresentada na obra. Os diários mostram como a presença de outros catadores afeta o seu trabalho “[25 de junho] [...] *Fui catar papel. (...) Ganhei só 25 cruzeiros. É que agora tem um homem que cata na minha zona.*” e o impacto destes no acesso ao material que viabiliza a obtenção de recursos “[25 de agosto] *Não havia papéis nas ruas porque apareceu outro homem para catar. Achei ferros e metaes.*” ou ainda “[1 de novembro] *Hoje eu vou catar papel porque sei que não vou encontrar nada. Tem um velho que circula na minha frente.*”.

Esses relatos demonstram que a rotina da Carolina era marcada por escassez. O dinheiro obtido pelo trabalho é alocado para o atendimento das necessidades fundamentais da sua família, como a compra de alimento e pagamento de contas (dívidas). A coleta de recicláveis é a alternativa que a autora possui para a sua sobrevivência e detém uma lógica de funcionamento específica no contexto, da qual Carolina se apropria. Isto posto, argumentamos que a realidade reportada no diário é costurada pela ausência de recursos, com efeitos diversos nas diversas dimensões da vida social da autora, discutidas nos próximos tópicos.

5. Discussões e Conclusões

[9 de agosto] *Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade* (grifo nosso).

Com base na discussão apresentada, observamos a contabilidade emergir a partir da representação de necessidades cotidianas retratadas por Carolina Maria de Jesus em “*Quarto de Despejo*”. As tecnologias contábeis aparecem imbricadas também na (re)construção de sua realidade social, presente nos reportes sobre seu trabalho diário com recicláveis. Dessa forma, argumentamos que a contabilidade abrange dinâmicas específicas tanto na organização do trabalho – como planejamento laboral e gestão dos recursos financeiros – quanto na produção da subjetividade da autora, elevando-a a um instrumento que mobiliza emocionalidades e intermedia as múltiplas dimensões da sua vida social. Em conclusão, a partir da obra analisada é possível compreender a contabilidade como uma micro prática social em um contexto particular: às margens da sociedade.

5.1 Contabilidade Enquanto Intermediadora da Realidade Social

Na análise dos escritos, dois aspectos se sobressaem. O primeiro é a escassez de recursos e suas consequências, visto que Carolina é a única provedora na família e o seu trabalho é marcado pela (in)capacidade de acumulação devido ao contexto em que está inserida e seus limitantes. O segundo marca sua vida em comunidade a partir das dinâmicas de cobrança e



endividamento contínuo que permeiam a sua existência espacial. Tais elementos ilustram a materialização de lógicas e conceitos contábeis em um ambiente historicamente marginalizado – não só, mas também – pelas pesquisas contábeis: o dos subalternos.

A partir da discussão apresentada, reconhecemos a contabilidade como intermediadora das diversas dimensões da vida social da Carolina Maria de Jesus. Inicialmente, observamos a interface da contabilidade com o aumento dos preços (**economia**). Nesse contexto, mais recursos são necessários para a obtenção dos mantimentos cotidianos, o que reduz a qualidade de vida da família e aumenta a insegurança alimentar devido à escassez de recursos financeiros/econômicos da autora.

Partindo para um cenário macro, a **política**, que seria uma alternativa para mudar a condição precária dos favelados, é vista com desengano devido à lógica clientelista que visa a manutenção do *status quo*. Carolina exemplifica tal lógica a partir da aproximação dos políticos em períodos eleitorais e das promessas que abrangem o congelamento dos preços e desenvolvimento de projetos que visem melhores condições de vida, contudo, sem mudanças locais significativas. Dessa forma, observamos uma lógica de exploração de um grupo social a partir de promessas eleitorais não executadas, ou seja, a assunção e não cumprimento de dívida por um grupo social privilegiado – políticos – em detrimento do bem estar social. Tal situação se mantém até os dias atuais em diversos países, visto que o orçamento público pode ser utilizado para a desconstrução ou manutenção de desigualdades sociais (Andrew, Baker, Guthrie & Martin-Sardesai, 2020; Bartoluzzio, Cruz & Sauerbronn, 2023).

Em um cenário meso, destacamos a ineficiência da **assistência social** e da Secretaria de Saúde (**saúde**) em amparar e auxiliar a comunidade nesses episódios. Essas instituições surgem como figurativas, ineficientes e burocráticas, sem efeito significativo na realidade retratada, pois não conseguem solucionar as mazelas sociais, como a fome, nem atender as epidemias que atingem a vida na favela. Nessa situação, a adoção de uma contabilidade dialógica mobilizaria alternativas de integração das necessidades locais no desenvolvimento de políticas públicas e orçamentárias integradas. Contudo, o interesse político e a linguagem contábil se mostram como barreiras para a participação efetiva das camadas mais populares da sociedade (Killian, 2010; Ferreira, Sauerbronn & Silva, 2022).

A falta de recursos e a incapacidade de acumulação para atendimento das necessidades básicas resultam em situações de insegurança alimentar e, em episódios mais extremos, de **fome**. Essa problemática atravessa a vida na comunidade do Canindé (macro) e o cotidiano da autora (micro), marcado por incertezas que geram efeitos diversos na sua subjetividade. Não são raros os trechos em que a autora recorre às latas de lixo e doações, o que gera nervosismo, tristeza e desorientação. Com essa dinâmica, a **ideação suicida** emerge no contexto social em que Carolina se localiza como uma possibilidade de findar o sofrimento que decorre da escassez. Nesse sentido, os relatos suicidas da autora estão atrelados à fome nos episódios em que Carolina não consegue levar comida para subsistência da família. Portanto, reconhecemos que contabilizar a escassez impacta a subjetividade da autora de maneira negativa ao ressaltar a falta de recursos, servindo como gatilho para a ideação suicida. Estudos contábeis demonstram essa relação em outros contextos (Gilbert, 2021; Cooper, Graham & Himick, 2016; Sargiacomo, Ianni & Everett, 2014), o que demonstra o potencial de contribuição da obra “*Quarto de Despejo*”.

5.2 Conclusões e Contribuições

Com base nos relatos de Carolina Maria de Jesus, reconhecemos a importância da contabilidade ser compreendida como tecnologia que afeta a vida cotidiana dos sujeitos (Hopwood, 1994), sobretudo a partir de vozes silenciadas (Haynes, 2010) e domínios



historicamente ignorados (Kirkham & Loft, 2001; Walker, 2003). As experiências da Carolina mostram como as pesquisas contábeis não dão conta da compreensão das questões que atravessam a vida cotidiana dos sujeitos (Brooks, Fenton, Schopohl & Walker, 2019) tendo foco excessivo em questões corporativas e na manutenção/expansão do capitalismo financeirizado que promove e mantém ciclos de pobreza como o retratado na obra (Lima, Casa Nova, Sauerbronn & Castañeda, 2022).

A análise das experiências no seu contexto (Gaffikin, 1998; Napier, 2006) a partir da perspectiva da Carolina Maria de Jesus permite que a contabilidade seja compreendida a partir das suas micro representações e processos (Gendron & Spira, 2010; Bujaki, Gaudet & Iuliano, 2017), introduzindo na discussão elementos como a distribuição racializada, generificada e classicista da riqueza, bem como os significados simbólicos, materiais e sociais dos recursos (Willows & October, 2023). O cotidiano da autora mostra como uma micro contabilidade, evidenciada no dia a dia, molda sua subjetividade em episódios de nervosismo, tristeza e desorientação. Trata-se de uma contribuição significativa aos estudos que reconhecem o papel subjetivo/emocional da contabilidade nos processos sociais básicos (Broadbent, 1998) e a sua capacidade de gerar transformações na vida dos sujeitos (Gilbert, 2021; Cooper, Graham & Himick, 2016; Sargiacomo, Ianni & Everett, 2014).

A pesquisa crítica em contabilidade tem questionado o que poderia ser a contabilidade a partir do que ela não é (Hopwood, 1990; Cooper, 2015), como a desenvolvida a partir de uma visão feminista (Cooper, 1992). A análise das experiências da Carolina Maria de Jesus, uma mulher latino-americana, negra, pobre e favelada, mostra uma contabilidade capaz de evidenciar dinâmicas de escassez e desigualdade, indo além de aspectos financeirizados de construção de valor a grupos específicos. Tais dinâmicas contábeis/sociais localizam a Carolina no tempo-espaço, mas também trazem contribuições significativas para compreendermos a relação entre o local e o global (Lassou, Hooper & Ntim, 2021) nas experiências dos sujeitos que não gozam da oportunidade de uma vida digna. A contabilidade atua como um elo entre o social e o econômico nos escritos da autora, sobretudo nos processos de gestão dos recursos em nome da família, o que demonstra seu papel intersubjetivo (Rutterford & Maltby, 2007; Willows & October, 2023) e complexo (Hines, 1992).

A literatura contábil demonstra o predomínio do conhecimento construído por uma comunidade majoritariamente branca, masculina e elitizada (Lehman, 1992; Haynes, 2017; Anisette & Prasad, 2017; Lima, Casa Nova & Vendramin, 2023). Dessa forma, a partir da análise dos relatos de uma mulher latino-americana, pobre, preta e favelada, que desvelam a contabilidade enquanto mediadora das diversas dimensões das desigualdades sociais, a presente pesquisa reforça o potencial dos *counter-accountings* enquanto possibilidade emancipatória e de denúncia de contextos odiosos (Vinnari & Laine, 2017).

Destacamos ainda que os relatos da Carolina materializam o conceito de interseccionalidade ao demonstrar como diferentes rótulos sociais constroem uma matriz de dominação. Tal matriz ancora-se e estrutura-se na contabilidade como evidenciado nas análises. Dessa forma, o presente trabalho contribui para a construção de uma contabilidade interseccional (Lehman, 2019; Willows & October, 2023; Lima *et al.*, 2022).

Por fim, as experiências analisadas em *Quarto de Despejo* reforçam a importância de recuperar a natureza feminina da contabilidade (Dillard & Reynolds, 2008; Hammond & Oaks, 1992) em diversos contextos sociais e culturais (Komori, 2012), afastando símbolos e valores que remontam ao masculino, como racionalidade e objetividade (Broadbent, 1995, 1998; Cooper, 1992; Hines, 1992; Shearer e Arrington, 1993). A vida cotidiana, observada no dia a dia, constitui um lócus oportuno para novas compreensões sobre o que a contabilidade ainda

não é (Hopwood, 1990), oportunizando representações ainda inexploradas pelo campo científico. Reconhecemos essa pesquisa como uma iniciativa nesse sentido.

Referências

- Adichie, C. N. (2018). O perigo de uma história única. Companhia das Letras.
- Alves, C. B. (2018). Quarto de Despejo: uma denúncia literária-jurídica e política acerca da invisibilidade e exclusão da mulher pobre e negra no Brasil. *Anais do VI CIDIL - As ilusões da verdade e as narrativas processuais*.
- Andrew, J., Baker, M., Guthrie, J., & Martin-Sardesai, A. (2020). Australia's COVID-19 public budgeting response: the straitjacket of neoliberalism. *Journal of Public Budgeting, Accounting & Financial Management*, 32(5), 759-770.
- Annisette, M., & Prasad, A. (2017). Critical accounting research in hyper-racial times. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 5-19.
- Bagno, M. (1999). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola.
- Bartoluzzio, A. I. S. S., Cruz, C. F., & Sauerbronn, F. F. (2023). Revisitando a teoria orçamentária clássica para a proposição de uma agenda de pesquisa sobre o orçamento público no Brasil. *XXIII USP International Conference on Accounting*, São Paulo: Brasil.
- Broadbent, J. (1998). The gendered nature of "accounting logic": pointers to an accounting that encompasses multiple values. *Critical Perspectives on Accounting*, 9(3), 267-297.
- Brooks, C., Fenton, E., Schopohl, L., & Walker, J. (2019). Why does research in finance have so little impact?. *Critical Perspectives on Accounting*, 58, 24-52.
- Bujaki, M. L., Gaudet, S., & Iuliano, R. M. (2017). Governmentality and identity construction through 50 years of personal income tax returns: The case of an immigrant couple in Canada. *Critical Perspectives on Accounting*, 46, 54-74.
- Carnegie, G. D. (2022). Accounting 101: redefining accounting for tomorrow. *Accounting Education*, 31(6), 615-628.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Bookman Editora.
- Charmaz, K. (2016). The power of constructivist grounded theory for critical inquiry. *Qualitative inquiry*, 23(1), 34-45.
- Collins, P. H. (2017). Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, 5(1), 6-17.
- Cooper, C. (1992). The non and nom of accounting for (m)other nature. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 5(3).
- Cooper, C. (2015). Entrepreneurs of the self: The development of management control since 1976. *Accounting, Organizations and Society*, 47, 14-24.
- Cooper, C., Graham, C., & Himick, D. (2016). Social impact bonds: The securitization of the homeless. *Accounting, Organizations and Society*, 55, 63-82.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 171.
- Silva, S. M. C., Nova, S. P. D. C. C., & Carter, D. B. (2016). Brazil, racial democracy? the plight of afro-descendent women in political spaces. In *Accounting in Conflict: Globalization, Gender, Race and Class* (Vol. 19, pp. 29-55). Emerald Group Publishing Limited.
- Denedo, M., Thomson, I., & Yonekura, A. (2017). International advocacy NGOs, counter accounting, accountability and engagement. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 30(6), 1309-1343.
- Dillard, J., & Reynolds, M. (2008). Green owl and the corn maiden. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 21(4).
- Ferreira, M. A. F., Sauerbronn, F. F., & Silva, C. M. (2022). A proposal for praxistical engagement in social assistance councils: otherwise pedagogy and de(re)colonization of knowledge. In: *Gender, Work & Organization Conference*. Bogotá.
- Gaffikin, M. (1998). History is dead, long live history. *Critical Perspectives on Accounting*, 9(6), 631-639.
- Gallhofer, S., Haslam, J., Monk, E., & Roberts, C. (2006). The emancipatory potential of online reporting: the case of counter accounting. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 19(5), 681-718.
- Gendron, Y., & Spira, L. F. (2010). Identity narratives under threat: A study of former members of Arthur Andersen. *Accounting, Organizations and Society*, 35(3), 275-300.
- Gilbert, C. (2021). Debt, accounting, and the transformation of individuals into financially responsible neoliberal subjects. *Critical Perspectives on Accounting*, 77, 102186.
- Gonçalves, M. A. (2014). Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*. 20(42), 21-47.
- Hammond, T., & Oakes, L. S. (1992). Some feminisms and their implications for accounting practice. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 5(3).
- Haynes, K. (2010). Other lives in accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(3), 221-231.
- Haynes, K. (2017). Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 110-124.
- Himick, D., & Ruff, K. (2020). Counter accounts of profit: outrage to action through "just" calculation. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 33(4), 699-726.
- Hines, R. D. (1988). Financial accounting: in communicating reality, we construct reality. *Accounting, Organizations and Society*, 13(3), 251-261.
- Hines, R. D. (1992). Accounting: filling the negative space. *Accounting, Organizations and Society*, 17(3-4), 313-341.
- Hopwood, A. G. (1990). Accounting and organisational change. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 3(1), 7-17.



- Hopwood, A. G. (1994). Accounting and everyday life: an introduction. *Accounting, Organizations and Society*, 19(3), 299.
- Jesus, C. M. (1960). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Livraria F. Alves.
- Killian, S. (2010). “No accounting for these people”: Shell in Ireland and accounting language. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(8), 711-723.
- Kirkham, L. M., & Loft, A. (2001). The lady and the accounts: missing from accounting history? *Accounting Historians Journal*, 28(1), 67-90.
- Komori, N. (2012). Visualizing the negative space: Making feminine accounting practices visible by reference to Japanese women's household accounting practices. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(6), 451-467.
- Lassou, P. J., Hopper, T., & Ntim, C. (2021). Accounting and development in Africa. *Critical Perspectives on Accounting*, 78.
- Lehman, C. R. (1992). “Herstory” in accounting: The first eighty years. *Accounting, Organizations and Society*, 17(3-4), 261.
- Lehman, C. R. (2019). Reflecting on now more than ever: Feminism in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 65.
- Lima, J. P. R., Casa Nova, S. P. C., & Vendramin, E. O. (2023). Sexist academic socialization and feminist resistance:(de) constructing women's (dis) placement in Brazilian accounting academia. *Critical Perspectives on Accounting*, 102600.
- Lima, J. P. R., Casa Nova, S. P. C., Sauerbronn, F. F., & Castañeda, M. (2022). “Is it just a little flu”? Producing a news-based counter account on Covid-19 discursive crises in Brazil. *Accounting Forum*, 1-25.
- Lima, J. P. S. (2022). *No more martyrs!?! Rhetorical analysis of a counter account of violence against the LGBTQ+ population*. In: 22° USP International Conference in Accounting. São Paulo.
- Lopes, B. A., & Dubiel, E. C. Q. (2021). A autora improvável: escrita, fome e política na perspectiva de Carolina de Jesus. *Literatura e Autoritarismo*, 37, 61-72.
- Meihy, J. C. (1998). Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, 37, 82-91.
- Mitsuuchi, J. T. A. (2018). Contextos, reflexões e análises: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. *Revista Vernáculo*, 41, 255-282.
- Napier, C. J. (2006). Accounts of change: 30 years of historical accounting research. *Accounting, Organizations and Society*, 31(4-5), 445-507.
- Nascimento, D. A. (2020). *Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência* (Dissertação de Mestrado). Programa de Estudos Literários - Universidade Estadual Paulista.
- Rutterford, J., & Maltby, J. (2007). “The nesting instinct”: women and investment risk in a historical context. *Accounting History*, 12(3), 305-327.
- Santos, M. E. (2010). Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou. *Revista Iuminart do IFSP*, 1(4), 12-20.
- Sargiacomo, M., Ianni, L., & Everett, J. (2014). Accounting for suffering: Calculative practices in the field of disaster relief. *Critical Perspectives on Accounting*, 25(7), 652-669.
- Shearer, T. L., & Arrington, C. E. (1993). Accounting in other wor(1)ds: a feminism without reserve. *Accounting, Organizations and Society*, 18(2-3), 253-272.
- Sikka, P. (2006). The internet and possibilities for counter accounts: some reflections. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 19(5), 759-769.
- Soares, M. R. G., & Miranda, D. A. (2022). Carolina Maria de Jesus: voz e escrita decolonial que reescrevem a favela, na obra Quarto de Despejo, (1960). *Darandina*, 15(2), 1-13.
- Sousa, G. H. P. (2011). Aautobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: Bastos, H., & Araujo, A. F. B. (Org.). *Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 86-108.
- Teixeira, J. C. (2021). Brazilian housemaids and COVID-19: How can they isolate if domestic work stems from racism? *Gender, Work & Organization*, 28(S1), 250-259.
- Twyford, E. J., Tanim, F. A., & George, S. (2022). Critical race theory, counter-accounting, and the emancipatory potential of counter-stories. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 35(9), 330-358.
- Ultramari, C., & Andreoli, M. C. (2021). A favela brasileira sexagenária. *Revista Produção e Desenvolvimento*, 7, 1-10.
- Vinnari, E., & Laine, M. (2017). The moral mechanism of counter accounts: The case of industrial animal production. *Accounting, Organizations and Society*, 57, 1-17.
- Vinnari, E., & Laine, M. (2017). The moral mechanism of counter accounts: The case of industrial animal production. *Accounting, Organizations and Society*, 57, 1-17.
- Walker, S. P. (2003). Professionalisation or incarceration? Household engineering, accounting and the domestic ideal. *Accounting, Organizations and Society*, 28(7-8), 743-772. [https://doi.org/10.1016/S0361-3682\(02\)00020-X](https://doi.org/10.1016/S0361-3682(02)00020-X)
- Willows, G. D., & October, C. (2023). Perceptions of retirement savings: through the lens of black amaXhosa women in South Africa. *Critical Perspectives on Accounting*, 90, 1-16.